

POLÍTICA ■ Ao analisar os últimos 20 anos, Hélio Jaguaribe exalta a convicção democrática

A marcha do Brasil

Rodrigo de Almeida

Quando o *Idéias* nasceu, duas décadas atrás, o sociólogo e cientista político Hélio Jaguaribe lançava, com outros autores, o livro *Brasil, ano 2000*. A democracia, restaurada havia poucos meses, começava a respirar, superada a longa asfixia promovida pela ditadura militar. Tinha-se muito a fazer. O país sonhava atingir, o quanto antes, a maioria político-institucional e sócio-econômica.

Aquele livro integraria a enorme galeria de obras deste professor carioca que jamais se despiu do hábito de identificar as mazelas que travam o desenvolvimento nacional e de propor modelos capazes de nos conduzir a um futuro melhor. Pois o que era futuro virou presente, grandes conquistas foram atingidas, mas, como lembra o professor, o Brasil chegou até aqui sem ter resolvido o grande desafio histórico de alcançar o desenvolvimento.

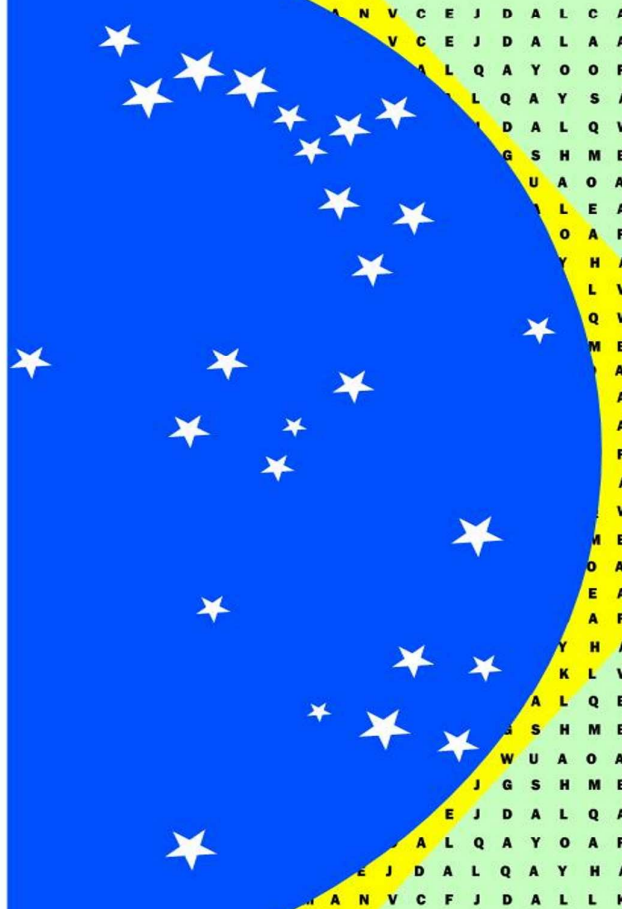
Há de se manter o olho crítico, portanto, mas sem imergir em lamentações definitivas. Sobram razões para celebrar alguns dos feitos desses 20 anos. O principal deles está justamente na democracia.

— O fato político mais positivo foi a universalização, entre os brasileiros, da convicção democrática — resume o professor, que acaba de lançar, pela editora Paz e Terra, um livro ambicioso, *O posto do homem no Cosmos*, no qual analisa a essência do homem e suas relações com o universo. — Consolidou-se entre nós a certeza de que a democracia é a única forma legítima e decente de regular uma sociedade.

Apesar dos méritos, ressalvem-se os muitos defeitos. Segundo Jaguaribe, nossa democracia converteu-se não numa democracia representativa e sim numa “democracia de clientela”, na qual compromissos ideológicos e programáticos dos representantes são substituídos pela degradação dos partidos, pela baixa legitimidade dos políticos e pelo voto arbitrário dos eleitores.

Como se vê, o Brasil andou. Mas precisará de mais 20 anos para completar o passo.

Mais Hélio Jaguaribe na página 8



A large word search grid with various words highlighted in boxes, including: CRÍTICA, IDÉIAS, LITERATURA, PESQUERDA, and ELEIÇÕES.



POLÍTICA ■ O cientista político Hélio Jaguaribe está cético quanto ao desenvolvimento do Brasil

Os desafios estão à mesa



Jaguaribe: 'temos um Congresso caótico'

Rodrigo de Almeida

Hélio Jaguaribe, imortal da Academia Brasileira de Letras e decano emérito do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (Iepes), insiste na tese de que o Brasil não dispõe de mais do que duas décadas para atingir um nível de desenvolvimento suficiente para escapar do clube das nações dependentes. Para Jaguaribe, tudo culpa de um modelo econômico incapaz de permitir maiores saltos de crescimento.

— A política econômica dos últimos governos conduziu a um irracional neoliberalismo monetário — crítica o cientista político, para quem o Brasil está “vegetando” economicamente. Na conta das mazes nacionais, debite-se também o que classifica como um “Congresso caótico, dotado de uma porcentagem alarmante de pessoas acusadas de delito” — o que, segundo Jaguaribe, tira-lhe a legitimidade para legislar de uma maneira adequada.

O acadêmico considera que, sem uma reforma política, nenhum partido terá condições de enfrentar os desafios postos à mesa do poder. Sugere o voto distrital misto, em que uma parte dos representantes é eleita em distritos e outra em eleições proporcionais, como é hoje. Também propõe a instituição de mecanismos como fidelidade partidária e, novidade, a obrigatoriedade, em lei, de uma formação parlamentar majoritária, caso nenhum partido adquira maioria suficiente no Parlamento.

Com os dois lados da moeda (econômico e político) pelo avesso, as consequências são inquietantes. Dois terços da população, lembra Jaguaribe, têm educação “quase zero ou extremamente deficiente”. Apenas um terço dos brasileiros “está compatível com as exigências de nosso tempo”.

— A educação é nossa tarefa mais urgente — observa. — Mas não se faz do dia para a noite. Exige tempo, paciência e esforço.

Por essa razão, votou em Cristovam Buarque (PDT) no primeiro turno das eleições presidenciais. Acha que nem o presidente Lula nem o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, que disputarão a preferência dos brasileiros no dia 29, têm debatido de maneira satisfatória os dilemas nacionais.

— Falta ao PT e ao PSDB

uma política de desenvolvimento que seja economicamente viável e socialmente criadora — analisa.

Fundador do PSDB, amigo de Fernando Henrique, admirador de José Serra e eleitor de Lula em 2002, Jaguaribe, mais que sem opção, está cético quanto ao futuro.

— Lula é habilidoso, com um poder mobilizatório extraordinário — elogia. — Tem sensibilidade social, mas lhe falta um projeto para o Brasil. É um homem de medidas tópicas, não estruturais.

Se não recebe as ressalvas com a mesma ênfase, o adversário de Lula também não tem o beneplácito do professor:

— O Alckmin está demonstrando insuficiente conhecimento das demandas imediatas do país, tanto sociais quanto econômicas.



“ Falta ao PT e ao PSDB uma política de desenvolvimento economicamente viável

As preocupações de Hélio Jaguaribe, porém, estão hoje situadas bem além das disputas e modelos entre o PT e o PSDB. Depois de realizar um “estudo crítico da história”, o professor se dedicou nos últimos anos a um ambicioso roteiro de estudos, que resultou no livro *O posto do homem no cosmos*.

A obra segue o veio aberto pelo filósofo alemão Max Scheler (1874-1928), que, com o mesmo título e a mesma temática, publicou em 1928 o que esperava ser uma grande antropologia filosófica. A morte prematura de Scheler o impediu de concluir o que propunha.

Pois Jaguaribe o fez. Retomou a temática do alemão, à

qual somou os dados e informações científicas dos últimos 80 anos. Para quem não tem a obrigação de saber, a antropologia filosófica põe no centro da reflexão a questão: o que é o ser humano? É uma espécie de antropologia encarada metafisicamente, uma parte da filosofia que investiga a estrutura da essência do homem.

O livro divide-se em quatro seções. Na primeira, Jaguaribe discute a origem do universo. Recorre à física quântica, ao criacionismo e a outras teses que tentam explicar a existência do universo.

A segunda seção é dedicada à vida — como “esse extraordinário fenômeno” apareceu no planeta. A terceira analisa a relação do homem com o cosmos. Por fim — e o mais importante — o livro discute como foi possível um cosmos, substituído de qualquer sentido, constituir um ser como o homem, dotado de sentido e racionalidade. A conclusão:

— Existe uma transcendência racional e evolutiva imamente ao cosmos. E o homem é um primata transcendente, que está diante de um processo evolutivo extraordinário — sintetiza o professor, certo de que seu livro não é destinado a físicos ou demais iniciados no assunto. — É acessível à leitura de qualquer pessoa cultivada, com formação superior.

Nesse processo de evolução, ressalta Jaguaribe, o homem tem grande responsabilidade no enfrentamento de problemas “extremamente sérios”, como a adaptação do progresso aos requisitos tecnológicos e a adoção de regras que tornem a existência “boa e tolerável para todos”.

— A evolução foi biológica, não civilizacional — sublinha. — A evolução das sociedades é fruto da cultura, que evoluiu bastante mas não o suficiente para eliminar os problemas de convivência. O risco é o homem se autodestruir.

Os problemas existentes requerem às sociedades encontrar modalidades de convivência que eliminem riscos estruturais no planeta. Jaguaribe identifica quatro: o rompimento do equilíbrio da biosfera, a globalização econômica e tecnológica sem qualquer normatização, o desequilíbrio entre Norte e Sul e, talvez o mais grave, a ruptura de valores. Maus presságios.

■ Leia e opine no JB Online. www.jb.com.br/24horas

COMPRO E VENDO LIVROS

GRANDES E PEQUENAS BIBLIOTECAS, Cd's e DVD's.

PAGAMOS E RETIRAMOS NA HORA

2226-4108

Rua Voluntários da Pátria, 35

www.luzesdacidade.com.br

O NOVO LIVRO DE ANTÔNIO TORRES

Antônio Torres

Pelo Fundo da Agulha

No seu último dia de trabalho, o personagem deste livro vê um novo mundo se descortinando à sua frente. Com a sensibilidade e a maestria que consagrou o premiado Antônio Torres, *Pelo fundo da agulha* encerra a trilogia iniciada com *Essa terra* e *O cachorro e o lobo*.

Já nas livrarias! www.record.com.br



Nova Razão Cultural Editora
Abrindo espaços para o autor brasileiro.

